

A Dimensão Estética da Paisagem na Educação Geográfica: Percepção Sensível e Representações Literárias.

Erica Meriele de Jesus Silva¹
Francisco Gonçalves de Assis Alves²

RESUMO

Este artigo investiga as inter-relações entre Geografia, Literatura e Educação, destacando a dimensão estética da paisagem como chave interpretativa para compreender as interações entre sociedade, cultura e natureza. A partir da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, busca-se evidenciar como a favela do Canindé, em São Paulo, pode ser entendida como paisagem material e simbólica, marcada pela fome, pela exclusão, mas também pela resistência e pela sensibilidade cotidiana. O estudo dialoga com a geografia cultural e humanista, mobilizando autores de matrizes distintas, como Claval, Tuan, Reclus e Lefebvre, que, embora partam de fundamentos teóricos diversos, convergem ao reconhecer a sensibilidade como aspecto constitutivo da relação entre sujeitos e paisagens. Nesse horizonte, recorremos à noção de Geografia dos Sentidos como reflexão orientadora, uma forma de designar a atenção dada às dimensões multissensoriais, afetivas e estéticas da experiência espacial, sem pretensão de fixá-la como categoria consolidada. A literatura, nesse contexto, revela-se linguagem privilegiada para traduzir percepções, denunciar injustiças e projetar memórias, ampliando a compreensão da relação entre estética, afetos e representações. A análise da obra de Carolina Maria de Jesus permitiu identificar três eixos centrais: a paisagem da desigualdade e exclusão; a paisagem da resistência e memória; e a paisagem sensorial do cotidiano. Como desdobramento pedagógico, propõe-se a oficina “*Literatura e Paisagem: Reflexões e Possibilidades*”, vinculada a uma dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso e em processo de avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFMT). A pesquisa reafirma que a integração entre Geografia e Literatura pode fortalecer uma educação geográfica crítica, sensível e emancipadora.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Paisagem, Educação geográfica, Carolina Maria de Jesus.

RESUMEN

Este artículo investiga las interrelaciones entre Geografía, Literatura y Educación, destacando la dimensión estética del paisaje como clave interpretativa para comprender las interacciones entre sociedad, cultura y naturaleza. A partir de la obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, se busca evidenciar cómo la favela de Canindé, en São Paulo, puede entenderse como paisaje material y simbólico, marcado por el hambre, la exclusión, pero también por la resistencia y la sensibilidad cotidiana. El estudio dialoga con la geografía cultural y humanista, movilizand o autores de matrices distintas, como Claval, Tuan, Reclus y Lefebvre, que, aunque parten de fundamentos teóricos diversos, convergen al reconocer la sensibilidad como aspecto constitutivo de la relación entre sujetos y paisajes. En este horizonte, recurrimos a la noción de Geografía de los Sentidos como reflexión orientadora, una forma de designar la atención prestada a las dimensiones multisensoriales, afectivas y estéticas de la experiencia espacial, sin pretensión de fijarla como categoría consolidada. La literatura, en este contexto, se revela como un lenguaje privilegiado para traducir percepciones, denunciar injusticias y proyectar memorias, ampliando la comprensión de la relación entre estética, afectos y representaciones. El análisis de la obra de Carolina Maria de Jesus permitió identificar tres ejes centrales: el paisaje de la desigualdad y exclusión; el paisaje de la resistencia y memoria; y el

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso – UFMT, ericamey2024@gmail.com;

²Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso – UFMT fgjufmt@gmail.com

paisaje sensorial de lo cotidiano. Como desdoblamiento pedagógico, se propone el taller “*Literatura y Paisaje: Reflexiones y Posibilidades*”, vinculado a una disertación de maestría en curso en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidade Federal de Mato Grosso y en proceso de evaluación por el Comité de Ética en Investigación (CEP/UFMT). La investigación reafirma que la integración entre Geografía y Literatura puede fortalecer una educación geográfica crítica, sensible y emancipadora.

Palabras clave: Geografía, Literatura, Paisaje, Educación geográfica, Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

A paisagem constitui, desde a formação da Geografia moderna, uma categoria central para compreender as interações entre sociedade e natureza. Se, em seus primórdios, esteve vinculada sobretudo à descrição do relevo e da cobertura vegetal, ao longo do século XX o conceito foi ampliado, incorporando dimensões culturais, simbólicas e estéticas (CLAVAL, 2007; BERQUE, 1994). Essa inflexão teórica abriu caminho para entendê-la não apenas como cenário, mas como experiência sensível e histórica, impregnada de memórias, afetos e conflitos.

A dimensão estética da paisagem, nesse contexto, emerge como chave interpretativa para pensar o espaço em sua complexidade. Como observa Berque (1994), a paisagem não é apenas um dado objetivo, mas também resultado de um olhar que a valoriza, qualifica e interpreta culturalmente. Ao reconhecer sua dimensão estética, a Geografia passa a considerar os modos como a beleza, a harmonia ou mesmo a feiura e a degradação influenciam a forma de habitar e atribuir sentidos aos lugares. Assim, a paisagem deixa de ser apenas uma configuração física para se tornar também expressão estética e simbólica da experiência humana (COSGROVE, 1998).

É nesse horizonte que propomos refletir a partir da ideia de uma **Geografia dos Sentidos**, entendida aqui não como conceito consolidado, mas como chave interpretativa que enfatiza as dimensões multissensoriais e afetivas da experiência espacial. Olfato, tato, visão, sons e emoções tornam-se, nesse campo de reflexão, elementos constitutivos da paisagem, permitindo captar atmosferas e significados muitas vezes invisíveis aos métodos tradicionais da ciência. Reconhecer tais dimensões é fundamental em contextos urbanos marcados pela desigualdade, onde a paisagem se apresenta como território de disputa, invisibilização e resistência (RECLUS, 2010).

A literatura, nesse contexto, constitui linguagem privilegiada para expressar sensibilidades e traduzir experiências espaciais. Ao narrar situações de exclusão e também de esperança, a escrita literária denuncia injustiças, projeta memórias e amplia a compreensão dos múltiplos sentidos atribuídos ao espaço (CLAVAL, 2014; CAVALCANTE, 2019).



É nessa perspectiva que se insere *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. O diário registra o cotidiano da favela do Canindé, em São Paulo, tendo como fio condutor a experiência da fome, da precariedade e da resistência. Suas páginas configuram uma verdadeira cartografia da exclusão e da resistência, ao projetar a favela como paisagem material e simbólica, marcada tanto pela dor quanto pela criatividade e pela força da escrita.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo geral analisar a contribuição da literatura e da percepção sensível, articuladas no horizonte da dimensão estética da paisagem e daquilo que aqui denominamos Geografia dos Sentidos, para a educação geográfica, tomando *Quarto de Despejo* como eixo de reflexão. Os objetivos específicos são: discutir a literatura como mediadora da leitura espacial e da construção da paisagem; compreender a percepção sensível como categoria formadora do pensamento geográfico; e, ao final, propor oficinas pedagógicas que articulem experiência literária, reflexão estética e leitura crítica do espaço urbano.

METODOLOGIA

A análise literária de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, constitui o eixo central desta pesquisa. A leitura integral da obra permitiu identificar e discutir passagens que evidenciam categorias relevantes para a Geografia, tais como: paisagem da desigualdade e exclusão, paisagem da resistência e memória e paisagem sensorial do cotidiano.

O procedimento metodológico consistiu em selecionar trechos representativos que revelam como a autora transforma a experiência vivida na favela do Canindé em paisagem, mobilizando descrições sensoriais, memórias e imagens que expõem as contradições do espaço urbano. Essa abordagem interpretativa buscou compreender a favela não apenas como realidade material, barracos, lama, esgoto, fome, mas também como construção simbólica e estética, marcada por afetos, medos, esperanças e resistências.

Sustentada pela revisão bibliográfica, que abrange contribuições da geografia cultural e humanista, da crítica literária e da filosofia da paisagem, a análise evidenciou que a escrita de Carolina ultrapassa o registro individual. Sua narrativa projeta a favela como categoria geográfica, ao mesmo tempo testemunho social e expressão estética, revelando dimensões invisibilizadas pela cartografia oficial.

REFERENCIAL TEÓRICO

Literatura e Geografia

Do ponto de vista epistemológico, a Literatura e a Geografia seguiram caminhos distintos, mas o diálogo entre ambas possui raízes antigas. Já no século XIX, Alexander von Humboldt, em sua obra *Cosmos*, abriu espaço para uma compreensão da natureza e da paisagem que unia precisão científica e imaginação estética. No século XX, Marc Brosseau, em *Des Romans-Géographes* (1996), retomou essa aproximação ao analisar o romance como fonte de leitura geográfica, inaugurando um campo fértil para refletir sobre o espaço a partir de textos literários.

Essa vertente se fortaleceu com a renovação da Geografia a partir da década de 1970, quando novas metodologias e linguagens passaram a ser incorporadas, ampliando as possibilidades de análise crítica e criativa do espaço. Nesse contexto, a literatura surge como recurso privilegiado para revelar dimensões do vivido que escapam à objetividade técnica, funcionando como mediadora entre o espaço e a experiência sensível. Como destaca Claval (2014, p. 127), “existe uma relação sutil entre a língua, o imaginário social ou as formas literárias, de um lado, e o espaço no qual o povo vive, de outro”.

No Brasil, Pierre Monbeig (1940) figura entre os pioneiros do debate sobre a relação entre Literatura e Geografia. Segundo o autor, “depois de seu nascimento moderno, a Geografia se tornou cada vez menos literária, ao passo que a Literatura se tornava dia a dia mais geográfica” (apud SUZUKI, 2017, p. 131). Para Monbeig, ambas compartilham um objeto comum: a paisagem. Descrever e explicar a paisagem constitui a tarefa fundamental da Geografia, mas a literatura pode revelar aspectos não captados pelo olhar técnico, como emoções, símbolos e afetos.

Assim, a paisagem pode ser compreendida em duas dimensões complementares: (i) um material, objetiva, apreensível pela observação científica; e (ii) outra subjetiva, ligada ao sensível, ao estético, ao imaginado. As representações literárias situam-se nesse segundo plano, pois captam experiências humanas singulares, revelando sentidos que aprofundam a compreensão do espaço e de suas transformações.

O elo entre Geografia e Literatura se estabelece na medida em que a segunda atua como “fornecedora de informações, enriquecedora de descrições, o que permite a construção de uma ponte entre as duas áreas do conhecimento” (SUZUKI, 2017, p. 131). A literatura, ao lado do saber científico, amplia a possibilidade de interpretar o mundo para além do visível e do imediato. É nesse horizonte que se inscrevem os escritos de Carolina Maria de Jesus: em *Quarto de Despejo*, a autora oferece testemunhos que podem ser lidos como uma cartografia da desigualdade urbana, registrando a favela como paisagem material e simbólica.

A percepção da paisagem, nesse caso, emerge da experiência sensível de quem escreve a partir de referências culturais, sociais e espaciais. Carolina descreve os deslocamentos e vivências marcados pela fome e pela miséria, contrapondo os espaços da cidade formal com a realidade degradada da favela:

Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 1960, p. 33, grafia mantida do original)

Nesse fragmento, a paisagem é simultaneamente visual, olfativa e simbólica. O contraste entre a “sala de visitas” e o “quarto de despejo” sintetiza a segregação socioespacial: de um lado, a cidade luxuosa; de outro, a favela relegada ao abandono. O corpo e a escrita da autora tornam-se mediações dessa experiência, transformando o cotidiano em representação geográfica.

Como observa Cavalcante (2019, p. 17), tanto a Geografia quanto a Literatura constituem modos de (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso seja necessário reconstruí-lo, reelaborá-lo e recriá-lo. A educação geográfica, ao integrar a literatura como linguagem mediadora, fortalece a formação de uma consciência crítica e sensível acerca das paisagens e das representações do espaço.

Nesse sentido, *Quarto de Despejo* possibilita mapear um retrato da vida nas favelas brasileiras dos anos 1950, mas cuja atualidade permanece evidente. Sua leitura permite discutir a produção e a organização do espaço urbano, bem como a persistência da segregação socioespacial, expressa nas condições de moradia precária, na falta de acesso a serviços básicos, na fome, no trabalho informal e nas contradições que estruturam a vida nas cidades.

Percepção sensível

A Geografia, em sua essência, é uma ciência da observação e da interação com o mundo vivido. Embora utilize mapas, estatísticas e modelos abstratos, seu sentido pleno emerge no contato direto com os lugares, no encontro entre realidades espaciais e humanas. Como afirma Claval (2007, p. 64), “aquele que a prática ama andar, olhar ao redor, farejar os cheiros e sentir a atmosfera; é também um homem de contato, sempre pronto a questionar as pessoas e a escutá-las”. O conhecimento geográfico, portanto, não se limita à objetividade técnica: ele se constrói também pela experiência sensorial e afetiva.

Nesse horizonte, a Geografia Humanista, consolidada a partir das contribuições de Yi-Fu Tuan, destaca a dimensão subjetiva da experiência espacial. Os lugares não são apenas

recortes físicos, mas espaços carregados de significados produzidos na vivência cotidiana. Tuan (1980) descreve como emoções, memórias e pertencimentos configuram vínculos afetivos com o espaço, de modo que a beleza pode surgir inesperadamente, como revelação sensível: “a beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou do sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” (TUAN, 1980, p. 108).

Essa perspectiva pode ser compreendida a partir da ideia de uma Geografia dos Sentidos, entendida aqui como reflexão que valoriza o corpo, a percepção multissensorial e a imaginação como dimensões constitutivas da relação com o espaço. Nesse horizonte, tato, olfato, visão, sons e memórias não são meros complementos, mas elementos centrais para compreender como o sujeito sente, interpreta e representa a paisagem. Trata-se, portanto, de um modo de pensar que articula sensibilidade e reflexão crítica, reconhecendo a complexidade estética e social dos lugares.

A fenomenologia, nesse sentido, apresenta-se como caminho metodológico potente para a Geografia, pois busca compreender o espaço a partir das expressões humanas, sociais, culturais, sensoriais e estéticas que emergem da experiência vivida. Essa perspectiva favorece interpretações mais densas dos fenômenos espaciais, ao considerar a percepção e os sentidos como parte constitutiva da realidade.

É nesse registro que a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser compreendida. *Quarto de Despejo*, estruturado em forma de diário, traduz uma verdadeira geografia sensorial: cheiros, imagens, sons e contrastes urbanos se entrelaçam, configurando a cidade não apenas como espaço físico, mas como tecido de desigualdades e afetos. Sua escrita revela a favela como paisagem sentida e vivida, permitindo compreender a materialidade urbana ao mesmo tempo em que expõe conflitos, emoções e significados que sustentam e transformam o espaço ao longo do tempo.

Entre as passagens mais marcantes do diário está a descrição de um funeral na favela, em que Carolina registra a dor, os ritos e os silêncios que atravessam a comunidade. Esse fragmento evidencia como a percepção sensível se articula com a experiência social, revelando dimensões estéticas e simbólicas da vida cotidiana que escapam à cartografia oficial da cidade.

18 de maio... Na favela tudo circula num minuto. E à noite já circulou que a dona Maria José faleceu. Várias pessoas vieram vê-la. Compareceu o vicentino que cuidava dela. Ele vinha visitá-la todos os domingos. Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isto competia ao tal Serviço Social.
...Chegou o esquife. Ponto cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados. A D. Maria era crente e dizia que os crentes antes de morrer já estão no céu. O enterro é às três da tarde. Os crentes estão entoando hino. As vozes são afinadas. Tenho a impressão de que são os anjos que cantam. Não vejo ninguém

bêbado. Talvez seja por respeito à extinta. Mas duvido. Acho que é porque eles não têm dinheiro.

Chegou o carro para conduzir o corpo sem vida de Dona Maria José que vai para a sua verdadeira casa própria que é a sepultura. (...) Vou parar de escrever. Vou torcer as roupas que ensaboei ontem. Não gosto de ver enterros.” (JESUS, 1960, p. 29-30, grafia mantida do original)

A cena revela uma geografia carregada de sentidos: o odor, a cor roxa do caixão associada à amargura, os cantos religiosos, a ausência de álcool. Cada elemento compõe uma paisagem simbólica que traduz tanto a precariedade material quanto a densidade emocional da vida na favela.

O olhar de Carolina aproxima-se da perspectiva fenomenológica da Geografia, na medida em que registra o espaço vivido como entrelaçamento de experiências corporais, afetivas e sociais. Ao narrar o funeral, ela mostra como a favela se organiza em redes de solidariedade, crenças e rituais, produzindo sentidos que ultrapassam a visão estigmatizada de “espaço de carência”. Assim, a paisagem não é apenas cenário físico, mas também campo de memória, emoção e simbolismo.

Nesse contexto, *Quarto de Despejo* confirma a potência da literatura como mediadora da percepção sensível: o texto não apenas informa, mas permite experimentar, pelo olhar e pela voz de Carolina, as contradições e afetos que constituem a vida urbana nas margens.

Jesus (1960) revela, em suas anotações, como a percepção cotidiana pode aguçar o olhar sensível sobre a paisagem. No funeral de Dona Maria José, os sentimentos emergem em meio à dor, e a riqueza de detalhes traduz a experiência coletiva da favela. A morte, observada a certa distância, é narrada pela autora de forma singular: ao mesmo tempo em que reflete sobre o destino dos crentes, afirma que a verdadeira “casa própria” é a sepultura. O eco das vozes, o simbolismo da cor roxa e o silêncio dos vivos compõem uma paisagem carregada de subjetividade, em que dor e solidariedade se entrelaçam.

Essa leitura aproxima-se da concepção de Élisée Reclus, que compreendia a paisagem não apenas como realidade física, mas como expressão da alma humana. Para o autor, “a natureza é para muitos uma grande consoladora; (...) assim, é o homem que da sua alma à natureza, e, conformemente a seu próprio ideal, ele embeleza, diviniza a terra, ou a vulgariza, torna-a horrível, grosseira, repugnante” (RECLUS, 2010, p. 85). Ao destacar que a relação com a natureza reflete ideais, valores e emoções, Reclus contribui para pensar a paisagem como campo de significados, capaz de revelar tanto beleza quanto degradação.

É importante, contudo, situar que sua perspectiva se diferencia daquela dos autores fenomenológicos ou humanistas aqui mobilizados, pois parte de uma ética libertária que valoriza a autonomia e a liberdade dos sujeitos. Para Reclus (2010, p. 18), “não se deve abrir a

flor para fazê-la desenvolver-se à força”, metáfora que denuncia qualquer forma de imposição e defende um desenvolvimento natural e emancipador. Integrada ao debate da educação geográfica, essa concepção sugere que o processo formativo deve respeitar as individualidades e potencialidades de cada sujeito, favorecendo diálogos que reconheçam a diversidade das experiências espaciais.

Educação Geográfica e formação crítica

A educação geográfica, em sua vertente crítica, sensível e emancipadora, tem como finalidade formar sujeitos capazes de compreender o espaço em suas múltiplas dimensões; materiais, simbólicas, estéticas e políticas. Mais do que transmitir informações sobre mapas ou fenômenos físicos, trata-se de desenvolver um pensamento geográfico que permita interpretar as contradições do espaço vivido e atuar de forma consciente na sociedade.

Nesse horizonte, a educação geográfica não pode prescindir da dimensão estética e sensível da paisagem. Como lembra Ferreira (2001, p. 10), o processo formativo deve possibilitar o “exercício do pensar e do criar, pelo incentivo à descoberta de novas facetas do conhecido e à ousadia da reelaboração, entendida como construção/desconstrução do saber”. A Geografia, assim, assume seu papel não apenas como ciência de observação, mas como prática de leitura crítica e criativa do mundo.

A inspiração ética de autores como Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, embora distinta das correntes fenomenológicas e humanistas, também oferece contribuições importantes. Para Reclus (2010, p. 15), é fundamental “ver, observar e estudar o que se acha à nossa vista, ao alcance de nossos sentidos e de nossa experimentação”. Ao lado de Kropotkin, afirmava que “o homem é a natureza adquirindo consciência de si mesma” (KROPOTKIN; RECLUS, 2014, p. 12). Essas formulações, lidas hoje, reforçam a necessidade de uma educação que valorize a experiência concreta e cotidiana, estimulando a autonomia e a liberdade.

Dessa forma, a educação geográfica crítica propõe-se a articular o saber científico com a experiência sensível, promovendo a formação de sujeitos capazes de compreender a paisagem como construção cultural e política, marcada por memórias, afetos e conflitos. Esse é o pano de fundo teórico que orienta a análise de *Quarto de Despejo*, entendendo a literatura como via privilegiada de mediação para a leitura do espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa reafirma a importância da dimensão estética da paisagem como recurso pedagógico para a formação de uma consciência crítica, sensível e reflexiva na educação

geográfica. Como enfatiza Reclus (2010, p. 25), a escola verdadeiramente emancipadora deve se abrir ao contato direto com a natureza e com a vida social, pois “é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los”. Embora situado em um contexto histórico distinto, esse princípio ético ajuda a pensar uma educação geográfica que valorize a experiência concreta dos sujeitos e respeite sua autonomia.

A análise de *Quarto de Despejo* evidencia a favela do Canindé como paisagem complexa, na qual se entrelaçam conflito, pobreza, afetos, fome e resistência. Com linguagem direta e poética, Carolina Maria de Jesus constrói uma cartografia da exclusão que é também testemunho de vida e denúncia social.

Paisagem da desigualdade e exclusão

Jesus escreve: “*Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?*” (JESUS, 1960, p. 29).

Nesse registro, a autora explicita a dimensão existencial da pobreza, marcada pela fome e pelo desespero. Em outro momento, narra: “*Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. (...) E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (...) Mas a lata está estufada. Já está podre*” (JESUS, 1960, p. 29). A cena simboliza o lugar social reservado aos moradores da favela: relegados ao resto, ao excedente e ao que já perdeu valor.

Essa paisagem da exclusão ultrapassa a materialidade física, configurando-se como construção social e simbólica. Como explica Claval (2007, p. 100), “(...) a percepção da paisagem da realidade social é uma construção social e que perspectivas semelhantes existem nos grupos sociais.” Assim, a experiência de Carolina traduz não apenas sua dor individual, mas também a marca coletiva de um grupo social que partilha condições semelhantes de vida.

Nesse mesmo horizonte, Lefebvre (2001, p. 81) observa que “a favela acolhe e desempenha o papel de mediador (insuficiente); (...) frequentemente a favela se consolida e oferece um sucedâneo à vida urbana, miserável e, no entanto, intensa, àqueles que ela abriga”. A favela, portanto, é simultaneamente espaço de exclusão e de vida, de precariedade e de resistência.

Paisagem da resistência e memória

Em muitos trechos de seu diário, Carolina Maria de Jesus recorre ao imaginário para resistir às condições adversas da favela. Ela escreve:



“Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.” (JESUS, 1960, p. 52, grafia original da obra).

Nesse fragmento, a autora mobiliza a imaginação como estratégia de sobrevivência: o “castelo cor de ouro” e os “jardins floridos” contrastam com a lama da favela e permitem a ela criar um refúgio simbólico diante da exclusão material. A paisagem, aqui, não se limita ao visível; ela é também espaço inventado, guardando marcas físicas, simbólicas e afetivas que alimentam a memória individual e coletiva.

O exercício da imaginação, nesse contexto, revela como a memória pode transformar a percepção da paisagem, acionando lembranças e significados que transcendem o presente imediato. Caminhar por uma rua, observar uma fachada ou ouvir o sino da igreja são exemplos de estímulos cotidianos que ativam narrativas compartilhadas, constituindo um patrimônio imaterial das comunidades.

Nicolau (2018), em *Desenhos da paisagem: percepção, memória e imaginação*, demonstra como a paisagem urbana pode ser lida como “um mover-se de percepções e memórias que seguem da periferia ao centro e do centro à periferia” (p. 66). Essa concepção se entrelaça com a escrita de Carolina, que transforma sua experiência no Canindé em narrativa de resistência: da precariedade cotidiana emerge uma geografia do imaginário, capaz de preservar a dignidade e projetar esperança.

Paisagem sensorial e do cotidiano

A escrita de Carolina Maria de Jesus revela a sofisticação do olhar cotidiano. Em *Quarto de Despejo*, ela registra sensações aparentemente simples, mas carregadas de significados: “O dia está quente” (JESUS, 1960, p. 16). Em outro momento, descreve sua rotina: “Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco” (JESUS, 1960, p. 16). Esses fragmentos mostram que a escrita não é dissociada de seus afazeres domésticos, mas parte integrante de sua vida, configurando uma paisagem sensorial tecida no compasso das tarefas diárias.

Nesse sentido, a paisagem não se reduz à superfície visível das coisas: ela constitui uma experiência cultural, sensorial e afetiva. Como afirma Berque (2011a, p. 198, apud MARANDOLA, 2018, p. 142), a paisagem é essencial à existência da sociedade porque motiva os seres humanos a habitarem juntos, impregnada de valores estéticos e simbólicos que moldam

a relação com os lugares. Essa concepção rompe com uma visão estática e evidencia como práticas, memórias e sentimentos emergem no cotidiano.

Yi-Fu Tuan (1980) amplia essa leitura ao destacar que a estética da paisagem pode ir do prazer efêmero de uma vista até a experiência intensa da beleza inesperada: “a resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1980, p. 107). Assim, a dimensão estética da paisagem ultrapassa o campo visual, incorporando impressões táteis, olfativas e afetivas que conectam pessoas, lugares e práticas cotidianas.

A obra de Carolina reforça essa perspectiva ao apresentar a favela em duas dimensões complementares: a materialidade concreta; barracos, lama, torneiras coletivas, esgoto e a subjetividade das emoções; medo, esperança, resistência, imaginação e memória. Esse duplo registro dialoga com Lefebvre (2001, p. 102), ao indicar que os sujeitos marginalizados sobrevivem “entre os fragmentos da sociedade possível e das ruínas do passado: excluídos da cidade, às portas do urbano”. A paisagem, portanto, é simultaneamente política e estética: espaço vivido, carregado de significados, memórias e conflitos.

Essa experiência literária não apenas amplia o olhar geográfico, mas também fundamenta práticas pedagógicas inovadoras. Ao reconhecer a dimensão sensível da paisagem, torna-se possível desenvolver oficinas literárias que articulem leitura, memória e imaginação como instrumentos de educação geográfica crítica e humanizadora.

Oficina “Literatura e Paisagem: Reflexões e Possibilidades”

Como desdobramento da análise literária de *Quarto de Despejo*, propõe-se a oficina “Literatura e Paisagem: Reflexões e Possibilidades”, concebida como percurso formativo que integra teoria, sensibilidade e prática pedagógica. A proposta parte da compreensão de que a literatura pode funcionar como mediadora da percepção geográfica, permitindo evocar memórias, afetos e imagens que ampliam a leitura crítica do espaço urbano.

A oficina é estruturada em **quatro encontros temáticos**, com duração aproximada de duas horas cada, a serem realizados em espaços acadêmicos autorizados do Instituto de Geografia, História e Documentação da UFMT. Cada encontro articula três momentos complementares:

1. **Leitura literária sensível** – trechos selecionados de *Quarto de Despejo* são lidos em grupo, com pausas para que os participantes evoquem imagens, memórias e percepções suscitadas pelo texto.

2. **Estímulo sonoro** – trilhas sonoras previamente escolhidas (com sons urbanos, naturais ou simbólicos) são utilizadas em volume ambiente, favorecendo atenção, introspecção e percepção estética.

3. **Registro expressivo** – cada participante produz, de forma livre, um registro em papel A3, combinando escrita, desenho, símbolos e cores para expressar o que foi sentido e refletido.

Ao final de cada encontro, propõe-se uma roda de conversa breve, gravada em áudio, em que os participantes socializam espontaneamente seus sentidos e percepções.

A elaboração de mapas afetivos constitui um dos principais produtos dessa proposta. Inspirados em Bonfim (2010), esses mapas sintetizam sentimentos, metáforas e imagens que revelam como cada sujeito percebe e constrói a paisagem. Dessa forma, a favela descrita por Carolina deixa de ser apenas espaço de exclusão e torna-se objeto de reconstrução simbólica, integrando dimensões sensoriais, afetivas e críticas.

A literatura, nesse contexto, é entendida como criação. Como afirma Lajolo (1982, p. 43), “a literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado”. Em consonância, Schama (1996, p. 70) reforça que “a paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha”. Assim, ao trabalhar com a obra de Carolina, a oficina busca revelar a favela como paisagem material e simbólica, estimulando novas formas de ver e sentir o espaço.

Essa proposta, portanto, se ancora no horizonte da educação geográfica crítica. Como aponta Duarte (2016, p. 73, apud CAVALCANTE, p. 91), “a tarefa central da educação geográfica é ensinar a pensar geograficamente”. Nessa perspectiva, pensar espacialmente e aprender a dominar linguagens; literária, cartográfica, estética, não são fins em si mesmos, mas meios para formar sujeitos capazes de interpretar e transformar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou articular Geografia e Literatura, destacando a importância da dimensão estética da paisagem como instrumento formativo para uma consciência crítica, sensível e reflexiva no âmbito da educação geográfica. A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, revelou-se um recurso potente para compreender e ensinar Geografia, ao transformar a favela em paisagem vivida, sensível e carregada de significados.

Do ponto de vista teórico, o estudo reafirma a relevância da geografia humanista e cultural, que amplia a compreensão do espaço para além de sua materialidade, concebendo-o como campo de símbolos, memórias e representações. Nesse sentido, Claval (2007) enfatiza o

papel da literatura como meio de apreensão do espaço vivido, pois, ao captar experiências subjetivas e afetivas, os romances e narrativas literárias permitem acessar dimensões que o olhar técnico não alcança. “O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções” (CLAVAL, 2007, p. 55). Essa perspectiva mostra que a formação do olhar geográfico também se constrói pela sensibilidade estética diante dos ambientes, o que inclui a harmonia, os contrastes e os afetos vinculados às paisagens cotidianas.

A análise interpretativa da obra de Carolina evidenciou diferentes dimensões da paisagem: a paisagem da desigualdade e exclusão, marcada pela fome e pela precariedade da vida urbana; a paisagem da resistência e memória, em que a imaginação e a recordação funcionam como formas de enfrentamento da adversidade; e a paisagem sensorial e do cotidiano, na qual pequenos gestos e percepções revelam a complexidade do espaço vivido. Esses eixos mostram que a literatura pode se constituir em linguagem mediadora para a educação geográfica, ao articular experiência, estética e crítica social.

Como desdobramento, delineia-se a proposta da oficina *“Literatura e Paisagem: Reflexões e Possibilidades”*, que integra leitura sensível de trechos literários, estímulos sonoros e registros expressivos em mapas afetivos. Esta proposta inclusive encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFMT), via Plataforma Brasil, no âmbito da dissertação de mestrado da autora, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. Embora ainda não tenha sido aplicada, a oficina configura-se como um desdobramento concreto da pesquisa acadêmica em curso, representando um caminho promissor para mobilizar a dimensão estética da paisagem no ensino de Geografia e favorecer processos formativos pautados na empatia, na criatividade e no engajamento social.

Conclui-se que a aproximação entre Geografia, Literatura e Educação abre caminhos promissores para aprofundar a reflexão sobre a paisagem como categoria central da ciência geográfica. A continuidade dos estudos e a implementação de experiências pedagógicas inspiradas em obras literárias, em diferentes níveis e contextos de ensino, podem contribuir para a consolidação de uma Geografia mais sensível, crítica e socialmente comprometida com as múltiplas dimensões do espaço vivido.

REFERÊNCIA

BERQUE, Augustin. Paisagem, marca e matriz. São Paulo: Perspectiva, 1994.

CAVALCANTE, Tiago Vieira Geografia literária em Rachel de Queiroz / Tiago Vieira Cavalcante. - Rio Claro, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Pensar pela Geografia : ensino e relevância social /Lana de Souza. - Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2019.

CLAVAL, Paul A geografia cultural / Paul Claval; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. -Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. A paisagem e a geografia. São Paulo: Contexto, 2004.

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da geografia*. Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

DUARTE, Júlio Cesar Libanio. Metodologias ativas no ensino de Geografia: análise descritiva das produções acadêmicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA – ENPEG, 14., 2019, Campinas. *Anais...* Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019. p. 2907-2920. ISBN 978-85-85369-24-8.

FERREIRA, Maria Solenilde. Oficina pedagógica: recurso mediador da atividade de aprender. In: RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel.; FERREIRA, Maria Solenilde. (Org.). Oficina pedagógica: uma estratégia de ensino e aprendizagem. Natal: EDUFRN, 2001, p. 9-14.

JESUS, C.M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; OLIVEIRA, Livia de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. *Geograficidade*, v. 8, n. 2, p. 4-23, 2018.

NICOLAU, Evandro Carlos. Desenhos da paisagem : percepção, memória e imaginação /Evandro Carlos Nicolau ; orientadora Carmen S. G. Aranha. -- São Paulo, 2018.

RECLUS, Élisée, 1830-1905. O Homem e a Terra: Educação/ Élisée Reclus; tradução Plínio Augusto Coêlho. – São Paulo: Expressão &Arte: Editora Imaginário, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.